Telma Tvon

Passagens: Angola, Portugal

(1980 -)



© Arlei Lima/Time Out Lisboa

Telma Marlise Escórcio da Silva, mais conhecida como Telma Tvon, é uma rapper e escritora angolana, a viver em Portugal desde os 14 anos. Telma nasceu em Luanda em 1980 e a sua mudança para Portugal com a família foi motivada pela guerra civil que deflagrava em Angola desde os anos 90. Uma vez em Portugal, Tvon viveu sempre na periferia de Lisboa e começou, desde cedo, a mostrar aptidão para o mundo das artes, mais em particular para o rap. Estudou primeiro Estudos Africanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ao que somou um mestrado em Serviço Social no ISCTE.

A música tem sido uma constante na sua vida, tendo-se tornado MC e feito parte de vários grupos femininos de rap, uma forma de expressão musical historicamente associada à comunidade negra e a uma forte componente de luta pela inclusão e justiça social. Estas preocupações permeiam a experiência de Tvon em Portugal em várias vertentes, seja na sua carreira musical e académica, seja no seu trabalho de intervenção social na zona de Sintra, num projeto que pretendia combater a taxa de abandono escolar dos jovens que frequentavam o ensino secundário.

A sua experiência como angolana na periferia de Lisboa confrontou-a inevitavelmente com o racismo existente na sociedade portuguesa, razão pela qual desenvolveu também a sua faceta de ativista pelos direitos humanos e pelo combate à discriminação. Já escreveu inúmeros contos e artigos para revistas sobre esses temas, mas pode-se dizer que o maior

contributo até à data de Tvon para a causa antirracista é o seu romance de estreia, *Um Preto Muito Português*, publicado pela Chiado Books, em 2017, e com uma reedição pela Quetzal, em 2024. Efetivamente, a segunda edição da obra (com uma revisão mais cuidada) contribuiu para fixá-la como uma das principais autoras no panorama literário afrodescendente em Portugal.

Um Preto Muito Português é uma obra que começa deliberadamente com uma provocação já a partir do título, uma vez que o imaginário da portugalidade é associado imediatamente a uma população branca. No entanto, num país que é fortemente marcado tanto pela emigração como pela imigração, a diversidade de culturas e tons de pele que caracterizam a sociedade portuguesa hoje é muito ampla e impossível de ignorar. Com base nestas observações e na própria vivência na periferia lisboeta, Telma quis retratar no romance experiências comuns aos jovens afrodescendentes em Portugal, nomeadamente os obstáculos que marcam a sua vivência quotidiana. João, mais conhecido como Budjurra, é o protagonista da obra, um jovem que, entre outros obstáculos, enfrenta a dificuldade de encontrar emprego depois de se licenciar em Gestão Ambiental.

Trata-se de uma personagem interessante, pois um dos atributos que melhor o caracteriza é a sua sensibilidade, um apontamento que Tvon utiliza desde logo para desconstruir estereótipos relacionados com os homens africanos e afrodescendentes. João é muito preocupado com aqueles que o rodeiam, nomeadamente com os pais, emigrantes cabo-verdianos, e os seus dois irmãos que, tal como ele, já nasceram em Lisboa. Através precisamente do contraste com a personalidade dos irmãos – Carlos rejeita qualquer associação com a sociedade portuguesa e fala quase exclusivamente em crioulo, enquanto Sandra despreza a comunidade negra, desfrisa o cabelo e esforça-se por se relacionar apenas com pessoas brancas –, Budjurra vai percebendo e declarando o quanto se sente português. A sua pertença à sociedade portuguesa amplifica-se na “carta de amor” à cidade de Lisboa:

Lisboa veste-se de uma beleza assustadora no verão. O calor é o perfume que a caracteriza melhor. Como adoro Lisboa em qualquer estação… Mas, no verão, ela parece-me muito mais ela, parece-me muito mais perfeita. Nunca saí de Portugal, mas acredito que não haja cidade mais bela do que a minha Lisboa. Claro está que todos os apaixonados dizem o mesmo da sua amada, mas não me importo nada com isso. Para mim, só há Lisboa. (*Um Preto Muito Português*: 29)

O seu encantamento com a cidade, no entanto, não é suficiente para ignorar a discriminação que ele e outros jovens negros sofrem constantemente.

Carlos e Sandra servem-se de estratégias diametralmente opostas para lidar com este sentimento de exclusão por parte da sociedade portuguesa onde nasceram e cresceram. Carlos convive na periferia com outros jovens afrodescendentes como ele, enquanto ouvem rap e falam em crioulo; já Sandra rejeita a todo o custo as suas raízes cabo-verdianas e relaciona-se exclusivamente com pessoas brancas, longe do bairro onde vive. Budjurra cedo se apercebe que as posturas polarizadas dos irmãos não fazem sentido – "A meu ver, tanto ela como o meu irmão estavam redondamente equivocados. Sempre acreditei na igualdade na diferença. Posso dar-me com quem quiser, mantendo-me eu." (*idem*: 14). No seu dia-a-dia relaciona-se com todos, encarando as diferenças como uma mais-valia. Além disso, é teimosamente otimista, e só compreende a dimensão estrutural do racismo na sociedade portuguesa depois de viver na pele dois episódios de discriminação inequívoca: um deles é o "arrastão" na praia de Carcavelos (*idem*: 31-33), episódio inspirado em um acontecimentoverídico (uma notícia que mais tarde se revelou ser falsa); o outro, um episódio em que foi agredido, junto com alguns amigos, numa bomba de gasolina, sendo que mais tarde confirma que um dos atacantes era polícia (*idem*: 149).

Após estes confrontos diretos com o racismo, Budjurra torna-se mais atento, mas nem por isso menos esperançoso em relação ao futuro de um país que sente profundamente como seu. Licenciado, não consegue encontrar trabalho na área, vendo-se constrangido a trabalhar num *call center*, destino comum a muitos jovens portugueses – "Até podia entrar no discurso de vitimização de que era por ser preto, mas não, olhava à minha volta e via muitos brancos portugueses precisamente na mesma situação" (*idem*: 43). Paralelamente às suas

frustrações profissionais, observa os dois irmãos perdidos, sem rumo, e acompanha os planos dos seus pais para regressarem a Cabo Verde, o que não acreditava ser possível, apesar de tantos anos a vê-los alimentar aquela esperança. Nesse momento apercebe-se que quer ficar na "sua Lisboa", independentemente das melhores perspetivas de carreira no país dos seus pais.

A diáspora é um marco que atravessa gerações em Cabo Verde e está intrinsecamente ligada à identidade nacional. Estima-se que cerca de 1,5 milhões de cabo-verdianos vivam fora do arquipélago, sendo os principais destinos preferenciais os Estados Unidos, Portugal, Holanda, Luxemburgo e França. Muitos escritores que marcaram a tradição literária cabo-verdiana, assim como jovens afrodescendentes têm escrito sobre o sentimento conhecido como "ter de ir, mas querer ficar", que continua a separar muitas famílias no cabo-verdianas. A geração dos pais de Budjurra não escapou a esta necessidade de procurar melhores condições de vida no exterior, no entanto, como muitos dos seus coetâneos, encontrou um país de acolhimento que lhes reservava postos de trabalho precários e muitas vezes marcados pela força braçal (construção civil e limpezas, sobretudo), assim como a hostilidade de um povo ainda fortemente marcado pelo racismo e pelas heranças da relação colonial entre os dois países. Neste sentido, muitos cabo-verdianos e outros imigrantes dos PALOP encaram uma luta diária pela integração e acesso a condições de vida digna, enquanto que as novas gerações, já nascidas em Portugal, batalham também pelo reconhecimento da sua identidade legal, ultrapassando obstáculos burocráticos, por um lado, e uma incapacidade em reconhecer identidades não brancas como pertencentes à sociedade portuguesa, por outro.

Sempre que põem em causa as suas origens, situação deveras quotidiana para os jovens negros em Portugal, Bujurra continua a negar perentoriamente a possibilidade de ser excluído da sociedade portuguesa:

Ontem candidatei-me a um emprego e, não obstante a informação estar no meu *curriculum*

vitae, fizeram-me a pergunta da praxe: «De onde é, João?»
Ao que respondi: «Sou português.»
Ela ficou meio atordoada, mas insistiu: «Pois, mas tem outras origens, certo?»
E eu, parvamente, disse: «Tenho, claro, sou originário da Maternidade Alfredo da Costa, mas vivo na linha de Sintra.»
Fim de conversa. (*idem*: 14-15)

Em conclusão, Telma Tvon contribui para a literatura diaspórica com o seu romance de estreia, no sentido em que nos apresenta um protagonista que se distancia de qualquer noção de personagem-tipo, mostrando uma subjetividade complexa. Bdjurra, ao mesmo tempo que reconhece que a discriminação que enfrenta faz parte de um problema estrutural mais vasto, também reconhece as riquezas do convívio com múltiplas identidades, que acrescentam à sua vivência ensinamentos e novas perspetivas sobre o mundo em redor. O tópico escolhido por Tvon é, como já tive a possibilidade de argumentar, sintomático da experiência de muitos jovens afrodescendentes que não se vêm reconhecidos e incluídos na sociedade portuguesa contemporânea, mostrando, por um lado, o caminho que ainda há a fazer no combate ao racismo e à discriminação, e provando, por outro, que a produção literária portuguesa se enriquece quando nela são consideradas vozes provenientes de outras geografias. Também o poema “Seguindo”, com que a autora contribuiu para a iniciativa *Mapas do Confinamento (2021)*, revela o otimismo e a perseverança característicos da Tvon, que muito ressoam no protagonista de *Um Preto Muito Português*. Neste formato poético, que dialoga com as letras do rap que marcam uma carreira artística multifacetada, Tvon mostra-nos que a militância por um mundo melhor se compõe tanto da consciência do que é preciso mudar, como da esperança em relação ao futuro.

Citações

Não vivo num daqueles bairros a que chamam problemáticos, mas sou «um ser deveras problemático». Sou problemático porque não me enquadro em nenhum dos cenários em que

as estatísticas me querem meter. Eu *até* me licenciei, eu *até* falo português conveniente. Ninguém sabe como lidar comigo, não se sabe se sou Preto o suficiente ou se ando a tentar passar por Branco inconscientemente. (*Um Preto Muito Português*: 10)

Acho que o primeiro sinal foi ela rejeitar o cabelo natural dela. A sério. Estão a rir-se? Parece ridículo, certo? Claro que as extensões estão na moda, claro que desfrisar o cabelo é quase uma imposição para que as mulheres pretas fiquem bem nessa fita que nem é nossa, mas para mim é muito mais. É a rejeição inconsciente daquilo que somos. Elas até se desculpam a dizer que é mais prático, mas, se assim fosse, para mim seria bem mais prático pintar-me de branco. (*idem*: 13-14)

Os meus amigos brancos nunca acreditam em mim. «Então como é que um preto não sabe dançar? És mais branco que nós, pá!» Os meus amigos pretos gozam comigo. «Um preto que não sabe dançar…? Estás armado em branco!» Nunca parei para pensar nisso, mas, de facto, isso é um preconceito. As pessoas nem notam. Elas fazem rapidamente da dança uma ciência racial. Os pretos sabem e dançam bué e os brancos não sabem, não sai nada. E foi mesmo numa discoteca africana que descobri que também eu era pulverizado por esse preconceito. (*idem*: 89)

Fica, meu irmão. Tu não queres ir. Estás a enganar-te. Tu nem és cabo-verdiano. Mas o que é que vais para lá fazer? Tu és alfacinha, deixa-te de merdas porque não vais voltar para a motherland. Esta é a tua motherland. Adores ou odeies, essa é a tua verdade, meu irmão. (*idem*: 162)

Sigo tão somente na crença / Tudo o que há cá dentro é crença / É fé featuring força / É continuidade cantada pela garra, cantada pela atitude de quem está segura, na sua crença // Sigo com a Vida / Tudo o que há de forma forte e leve é paciência / É esperança polvilhada pela compreensão de que tudo o que não estamos a fazer é tudo o que podemos fazer! (…) (“Seguindo”)

Bibliografia Ativa Selecionada

Tvon, Telma (2024), *Um Preto Muito Português*. Lisboa, Quetzal Editores.

Tvon, Telma (2021), "Seguindo" em *Mapas do Confinamento*. Consultável em: https://www.mapasdoconfinamento.com/post/telma-tvon

Bibliografia Crítica Selecionada

Fazzini, Luca (2025), "Escrever a Errância: Reflexões sobre o Devir da Europa". *Escritas Afrodescendentes em Diálogos Atlânticos*, Teresina: Cancioneiro. Consultável em: https://www.editoracancioneiro.com.br/escritas-afrodescendentes-em-di%C3%A1logos-atl%C3%A2nticos

Gonçalves, Bianca Mafra (2019), "Existe uma literatura negra em Portugal?". *Revista Crioula*, n.º 23: 121–40. Consultável em: https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2019.155948.

Lupati, Federica (2019), "Sobre as margens das periferias: Uma introdução às vozes femininas do rap feito em Portugal". *Faces de Eva*, n.º Extra: 207–20. Consultável em: https://run.unl.pt/handle/10362/95400

Ribeiro, Margarida Calafate (2021), "O Sentimento de um(a) Ocidental Declinado no Feminino". *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n.º 24/35: 331–52. Consultável em: https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS34_35_Ribeiro_page331

Silva, Daniel F (2022), "Black Migration, Citizenship, and Racial Capital in Post-Imperial Portugal". *Twenty-First Century Arab and African Diasporas in Spain, Portugal and Latin America*, Nova Iorque: Routledge. Consultável em: https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003245117-9/black-migration-citiz

enship-racial-capital-post-imperial-portugal-daniel-silva.

Autor(a): **Ana Aires e Castro** | CIENCIA VITAE

Citar

Ana Aires e Castro, "Telma Tvon", *Diásporas em Português*, ISBN 978-989-35462-0-8, 24 de Novembro, 2026, https://diasporasemportugues.ilcml.com/glossary/telma-tvon/

Verbetes de Ana Aires e Castro: Telma Tvon,